

O CAMINHO ATÉ DIZER ADEUS

Por Aline Fonseca e Jessica Magari Ferazza 7 Psan

Resumo: Na obra de Freud, *Luto e Melancolia* (1915) a grande problemática é caracterizar o que diferencia e o que aproxima os estados de luto e de melancolia. Na palestra, Lutos finitos e lutos infinitos, Dunker coloca o que seria para além do luto, não o patológico ou a melancolia, o luto em sua infinitude ou estado cíclico: o retorno ao luto.

O luto, em síntese, é o período em que a realização da perda se dá em processos, mais ou menos lentos, nos quais os laços com o objeto se rompem ocasionando uma perda no Eu e suas partes presentes no objeto perdido se esvairiam, se dissolveriam em meio ao processo do enlutado e o valor simbólico da perda é, em dado momento, então alcançado. Uma das questões levantadas por Dunker é justamente o “ponto de partida da aceitação” e “como ela se dá”. Aceitar que parte do Eu se foi com o objeto perdido e qual posição do sujeito não existirá mais com esta perda, abrir mão, definitivamente, deste lugar que ocupava e que, a partir de agora, não mais existirá.

Dunker propõe o luto de natureza infinita, a partir de um ponto de vista sociocultural e político, no qual o luto passaria de uma geração à outra, enraizado na memória de um sistema, uma comunidade. Diferentemente do luto que sugere à um ato psíquico que cumpre sua função no tempo e no espaço do sujeito, em que o início, o meio e o fim sejam vividos pelo enlutado. O que caracterizaria então, o luto infinito e o seu retorno? A repetição? E qual mecanismo seria responsável por esta repetição?

A não resignificação ou simbolização coletiva dos lutos vividos pela sociedade, baseadas nesta repetição, ou ainda, a negação da presença do luto, uma vez que se supõe que o luto coletivo, esse é infinito. Ao pensarmos sociedades nas quais o retorno ao sofrimento é intrínseco às gerações, as perdas de uma comunidade, as não elaboradas, ou mesmo vivenciadas podem ser compreendidas deste ponto de vista.

Surge, desta forma, um bom momento para exemplificar, dentro deste contexto, o Brasil: a não elaboração ou tampouco vivência dos seus lutos de forma coletiva, desde a época do descobrimento à colonização, pode ser pensada como a infinitude de um luto cíclico, que produz seu retorno de tempos em tempos. Se o luto é infinito, de um ponto de vista coletivo, o Brasil não se permitiu, por assim dizer, vivenciá-lo. Com a presença atual de um retorno iminente ao sofrimento, a sociedade vive, hoje, a repetição de movimentos trágicos e está permeada de culpa, que induz a necessidade de representá-la em um ponto específico, como na marginalização de minorias, por exemplo, afinal, alguém precisa ter consigo a culpa. Estas são algumas características do luto que retorna ao âmbito social em um movimento persistente.

Se, com imaginação, colocássemos o Brasil dentro de um perfil melancólico, do ponto de vista de um país com graves incongruências identitárias, e a dificuldade em “se adaptar às particularidades ou exigências do outro”, identificada como uma sociedade de preconceitos bastante vigentes, bem como um entorpecimento moral, característica do melancólico, como aponta Freud em *Luto e Melancolia* (1915), há uma perda importante da sua significação e do seu lugar enquanto sujeito, o Brasil, um país cindido em que uma parte dele, “castiga” a outra, sem se dar conta da iminente perda coletiva a que se submete, não esquecendo de seus breves momentos de euforia. Em suma, localiza a “melancolia posta como um sintoma social”, sugerida por Freud (1915). Pode-se pensar a sociedade brasileira em estado patológico em que sua gama de sintomas revelam o adoecimento social.

É bastante difícil apontar ou precisar em que momento se deu essa perda de identidade que desencadeou um movimento de lutos infinitos não simbolizados, mas vê-se em retorno, ao longo da história e atualmente, algo que se estabeleceu. O país, dentro dessa analogia, pode ser encarado como um sujeito que decidiu se autopunir e se autodepreciar, ou ainda, está enlutado e tragicamente finge que não está. Sendo assim, o retorno iminente deste luto tende a ser contínuo.